

CARTOGRAFANDO MORADAS DE RUA: MAPAS PRELIMINARES DE UMA CIDADE QUE NÃO SE VÊ¹

Cartografiando hogares callejeros: mapas preliminares de una ciudad que no es vista

Cartographing street homes: preliminary maps of a city that is not seen

Carolina Datria Schulze (BR)²

Universidade do Estado de Santa Catarina
e-mail: datriacarol@gmail.com

Ana Maria Hoepers Preve (BR)³

Universidade do Estado de Santa Catarina
e-mail: anamariapreve@gmail.com

Resumo

O texto apresenta os movimentos de uma pesquisa em educação e geografia que se apóia na noção de mapas e de cartografias intensivas para experimentar, mais uma vez, a variação das linhas cartesianas que atribuem aos mapas a qualidade de verdade do território representado. As primeiras aprendizagens sobre a construção de moradias, sobre como se inventa um lugar para si na cidade conhecida, coloca em movimento também a noção de múltiplas cidades que toda cidade comporta, de moradias que tecem uma cidade que não se vê. Os mapas produzidos e apresentados no texto experimentam e exprimem, tal qual os moradores de rua, variações e mobilidades. Suas linhas tem densidade, são feitas de vida.

Palavras-chave: cartografias de rua; cidade que não se vê; geografia e educação.

¹O presente texto é oriundo de parte da pesquisa Experimentações em educação e geografia: mapas e cartografias de/em outros percursos, desenvolvida com bolsa e aprovado pelo Edital PIBIC 2013.

²Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e integrante do grupo Geografias de Experiência, vinculado ao Projeto Interinstitucional Imagens, Geografias e Educação.

³Professora no Departamento de Geografia UDESC, pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia (LEPEGEO/FAED/UDESC) e integrante do grupo Geografias de Experiência, vinculado ao Projeto Interinstitucional "Geografias, Imagens e Educação".



Resumen

El texto muestra los movimientos de una investigación en la educación y la geografía que se basa en la noción de mapas y cartografía intensivas para intentar, una vez más, la variación de las líneas cartesianas que se adhieren a los mapas la calidad de la verdad del territorio representado. El primer aprendizaje sobre la construcción de casas, sobre la manera de inventar un lugar para ellos en la ciudad conocida, también pone en marcha la idea de ciudades múltiples que todas las ciudades comportan, habitaciones que tejen una ciudad que no es vista. Los mapas producidos y presentados en el texto expresan, como los moradores de la calle, variaciones y movilidad. Sus líneas tienen densidad, están hechas de vida.

Palabras clave: cartografías de la calle; ciudad que no se ve; geografía y educación.

Abstract

The text shows the movement of a research in education and geography that is based on the concept of maps and cartography intensive to try, once again, the variation of Cartesian lines that attach to the quality of truth maps of the territory represented. The first learning about building houses, on how to invent a place for themselves in the city known, also sets in motion the notion that multiple cities every city behaves, housing weaving a city that is not seen. The maps produced and presented in the text and express experience, like the homeless, and mobility variations. Its lines have density, are made of life.

Keywords: street cartographies; city that is not seen; geography and education.



INTERESSES

"[c]ompor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, pôr algumas pedras, umas passagens, umas saídas, criar umas ranhuras que possam, quem sabe, atrapalhar uma visão que era clara. E este é o plano de composição pelo qual se passeia."

(Silvio Ferraz, Livro das sonoridades)

A pesquisa ainda não se passa nas ruas, mas dirige seu olhar a elas.

Do lado de dentro de células prisionais e manicomiais, nos aproximamos de alguns pontos da cidade tornados moradias móveis de quem (ao que nos parece) não aguentou mais a casa construída com suas garantias de uma vida digna de existir entre quatro paredes. Com isso, interessa-nos movimentar o pensamento no sentido de nos distanciarmos cada vez mais de uma visão planificada que os mapas convencionais, as imagens de satélite e os guias de rotas turísticas oferecem das cidades. Por outro lado, mesmo sem esses instrumentos, as velocidades da vida cotidiana nos levam a percorrer os lugares da mesma maneira, olhando para as mesmas coisas, os mesmos lados, as mesmas ruas. Nessas velocidades, supomos que detalhes de uma cidade nos escapam, que topografias são anuladas e, com elas, escapam também as forças que sacodem os habitantes em seus lugares. Dessa perspectiva, as cidades, de longe, parecem iguais, o que nos leva a retomar a pergunta que Pélbart (2000, p. 45) faz: "o quanto ela [a

cidade] constitui um meio a ser explorado, o quanto ela se presta todavia a novos trajetos, a novos traçados de vida?" Nesse sentido, para além do mapa representacional utilizado pela Geografia, a cartografia ganha uma outra relevância, uma vez que ela exprime relações, relações que, por sua vez, constituem uma topografia das forças, daquilo que não é visível. Assim, "menos que descrever o já visto, ou dar um contorno e uma localização ao já existente, parece haver nela [na cartografia], primeiro, o impulso de trazer algo novo para o mundo." (GODOY, 2013, p. 209).

Com os encontros que se deram na pesquisa, trataremos alguns mapas, nada representacionais, que constituem precisamente uma topografia dessas forças invisíveis e que trazem suas linhas adensadas de vida, mostrando-nos que as linhas que compõem os mapas desses territórios tremem porque as mãos de seus habitantes fazem o mesmo.

O trabalho realizado dá relevância ao que se passa nas ruas, contado por pessoas que nela construíram casas e as habitaram. Pode-se dizer que, com essas habitações, reinventaram uma cidade para si na malha estriada que as cidades, na atualidade, configuram. Tais habitantes foram descartados das casas habituais, da lógica do consumo, das famílias estruturadas, do trabalho; são como os detalhes que sobram quando tudo isso desaba. Foram para rua e começaram essas habitações com o que sobrou, com o que estava à mão.

Andarilhos e moradores de rua são considerados inúteis, sob uma ótica utilitarista, para a lógica do consumo. É este aspecto que nos coloca em movimento



para um aprender geográfico sobre moradas feitas por homens inúteis que criam para si – em meio ao campo útil e estriado das cidades – cidades inúteis, cidades invisíveis, mas que são capazes de lhes assegurar o que precisam para criar uma casa e traçar um território para si.

DISPARADORES PARA A PESQUISA

Duas produções audiovisuais e um depoimento trouxeram alguns motivos para começar esta pesquisa. Empreendemos a partida apoiadas nessa primeira visualização e apreensão do que move um viver a rua, na rua. Ao longo do percurso, encontramos outros auxílios e, com eles, a possibilidade de pensar as moradas de rua como ocupações nas imensidões dos espaços abertos, ou dos espaços a céu aberto, que nos força a olhar outros modos de ocupação do urbano.

Cena um: *Andarilho*. Pés descalços, roupas aos farrapos, barba comprida, um cigarro na boca sem alguns dentes. Essa é a imagem do andarilho que fala sobre Deus e espíritos, e que carrega uma sacola, feita de lona preta, com seus pertences. O andarilho percorre o manto negro do asfalto de uma estrada qualquer do país. Somente ele é o dono do seu rumo. Esta é a descrição das cenas iniciais do documentário de Cao Guimarães (2007). Filmado no nordeste de Minas Gerais, o documentário mostra a fusão entre homem e lugares de passagem, homem-paisagem. As cenas seguem e nos mostram estradas cruzadas por três andarilhos que, ora movendo-se em busca de um lugar para dormir, para se

lavar, para preparar uma comida, ou uma ida em direção a um bar, sempre caminham porque caminhar é o que é preciso fazer, é o que basta. Carros e caminhões, outras pessoas atravessam a mesma estrada ignorando a presença desses homens, como se fossem invisíveis.

Cena dois: *Casa de Cachorro*. O som dos carros também é uma constante neste documentário dirigido por Thiago Villas Boas (2001) que se passa num determinado ponto da cidade de São Paulo, precisamente embaixo do viaduto da Ceagesp. Entre os ruídos de carros e latidos de cachorros, Thiago V. Boas percorre o interior das moradias de algumas das 58 famílias que, embaixo do viaduto, vivem da confecção e venda de casas de cachorro na beira da Via Anhanguera e que ali moram. A câmera de Villas Boas capta imagens carregadas dos sentimentos estampados na face de cada morador, e também é sutil ao mostrar o completo e profundo desrespeito que estas famílias sofreram ao terem suas casas, materiais e equipamentos confiscados pela Prefeitura de São Paulo em julho de 2000⁴.

As imagens dos dois documentários citados poderiam ser em qualquer outra estrada ou em qualquer outra cidade, estado ou país. É fácil se deparar com

⁴Na época, Celso Pita era prefeito de São Paulo. A desmontagem das moradias, o confisco dos materiais e ferramentas e o deslocamento das famílias repercutiram negativamente, de modo que a prefeitura acabou por autorizar o retorno dos moradores ao local. Contudo, os materiais e os instrumentos de trabalho confiscados não foram devolvidos para os seus legítimos donos.



cenar iguais ou similares às mostradas neles e, quando nos encontrarmos com elas, as ações mais comuns são as de ignorar ou julgar os seus protagonistas. Contudo, como seriam essas cenas vistas sob a ótica daqueles que caminham pelas estradas ou por quem vive embaixo da ponte? Como a cidade se mostra para esses sujeitos e de que forma as habitam? De quais cidades fala-se por aqui, através desses modos de habitar?

É a força de construir para si uma casa com rejeitos urbanos que faz com que essas pessoas não se diferenciem do território que recortam para si, da casa que montam, das marcas expressivas que constituem sua assinatura no mundo e que inventam desafiando o possível para viver, mover-se, combater. Em meio aos restos, iniciam um novo ciclo de combinações com os materiais descartados que recolhem ao andar pela rua. Nossa pesquisa quer saber das invenções de mundo e dos seus territórios, quer dizer das geografias que estes territórios põem em movimento e, ainda, de como essas invenções se pautam numa lógica não utilitarista de consumo com a qual estamos tão habituados.

Com uma coleção de entrevistas, buscamos traçar as linhas de força invisíveis para dar consistência a uma cartografia desses que se movem e que caminham, segundo nos parece, até deixar de haver caminhos traçados e fora da lógica do par utilidade-consumo. Como outro ponto de partida, resgatamos um pequeno trecho de texto de um andarilho que esteve por um longo tempo confinado num Hospital de Custódia. Hélio (nome fictício) inventou uma vida na rua, e na sua invenção um modo de habitar salta aos nossos olhos. Sem caminhos

e sem paredes definidas, constrói uma casa que tem a ver com seu estilo. Ele gosta dos trânsitos e gosta de escrever nesse intervalo.

Cena três: *Hélio... andarilho, roqueiro, filósofo, escritor, compositor.*

Habitava terras abertas, sem portas, sem prédios em construção. Uma vida vivida nos caminhos inventados de beira de estrada e praias. Suas composições se davam nesses trânsitos. O andarilho escolhe espaços, não habita lugares. Hoje, sua terra, "porto seguro" para alguns, é fechada, segura, medicada, policiada, com paredes que impedem horizontes. Os olhos do andarilho que antes percorriam espaços abertos esbarram nas paredes de um manicômio judiciário, e ele se sente cada vez mais cansado. Com seus passos lentos e suas pernas fracas carrega debilitado o peso das grades. A cada dia esse peso aumenta, e a força animal da vida aberta desaparece como chama que o vento apaga. A instituição prisional e manicomial suga o brilho dessas vidas que acolhiam o inesperado. Os medicamentos distribuídos largamente como proposta de cura não fazem mais que controlar as forças animais e inventar docilidades de instituição. Hoje, o Andarilho que outrora percorreria longas distâncias se locomove devagar: anda para comer, para dormir, para tomar comprimidos, para dar conta dos simples movimentos corriqueiros do dia-a-dia numa instituição fechada. O andarilho, filósofo, escritor, poeta, roqueiro, como sempre se definiu, enfraquece; seus cadernos de poesias e pensamentos foram roubados ("uma grande perda na vida", segundo ele), e, agora, sem conseguir escrever uma linha sequer, passa a maior parte do tempo trancado na enfermaria-cela prisional: "aquí não dá pra escrever." Outro dia, pela segunda vez, me disse sem brilho e sem alegria, com a força de quem está quase se apagando: "estou indo embora". Uma onda de tristeza. "Acharam um lugar pra mim, uma residência em J. Vou pra lá. Mas não vou poder voltar para aquela vida."



Sair, estar em liberdade, implica continuar tomando sua medicação e, todo mês, ir buscá-la num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ou num posto de saúde próximo ao seu bairro. (Andarilho tem bairro?). Um andarilho ocupa espaços, flutua neles, habita a imensidão da terra e desloca-se na intensidade dos movimentos dela... Fixo, preso a qualquer instituição, perde a saúde. A domesticação das forças não faz bem ao homem da terra aberta. (Preve, 2011, p. 81 e 82).

Guattari (2008, p. 157-58) diz: “[q]uer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista [...]. Os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciativas.” Encaradas como máquinas enunciativas, essas outras moradas e seus estilos de habitar também nos interpelam.

DE DENTRO DAS CÉLULAS PRISIONAIS

Os muros altos escondem as grades do Complexo Penitenciário de Florianópolis, situado, desde 1971, no bairro Trindade, na capital do estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. Dentro do Complexo Penitenciário, nosso destino foi o Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), local onde indivíduos julgados inimputáveis cumprem medida de segurança.⁵ E foi neste ambiente fechado por grades e pelo uso contínuo de medicamentos, que encontramos uma abertura para a cidade daqueles que viveram a rua.

Entre os 147 pacientes⁶, apenas seis foram entrevistados por serem identificados ou autodenominados como moradores de rua ou andarilhos. A pesquisa

teve início com entrevistas semiestruturadas, auxiliadas pela confecção do que chamaremos de desenhos-mapas produzidos durante as entrevistas, gravações de áudio e anotações *in loco*. Os encontros para as entrevistas ocorreram dentro dos domínios do HCPT, individualmente, sem a presença de agentes penitenciários. Os nomes dos pacientes foram preservados e neste trabalho serão chamados por apelidos que eles próprios escolheram ou por nomes fictícios, inventados por nós.

Os desenhos-mapas feitos pelos pacientes foram digitalizados e tiveram seu tamanho reduzido e o contraste corrigido, para melhor visualização. Por vezes, os traços são leves e tremidos, é preciso levar em conta que as mãos que desenharam não estão acostumadas a segurar um lápis – alguns são analfabetos ou estão em fase de alfabetização na Escola de Supletivo da Penitenciária – e que estão sob o efeito de fortes medicamentos que afetam o movimento dos membros superiores.

Também foi realizada uma sétima entrevista, desta vez com um detento comum da Penitenciária de Florianópolis, de nome fictício João. A entrevista foi realizada no prédio administrativo do Complexo Penitenciário. Para melhor compreender o tema e para dar maior

⁵A medida de segurança é aplicada a sujeitos que cometeram um crime, mas são incapazes de compreender a natureza ilícita da ação por serem portadores de doenças mentais. A este respeito cf. Preve, 2010.

⁶Dado fornecido por uma das assistentes sociais da instituição em abril de 2013.



visibilidade para cada entrevistado, o texto foi dividido em blocos, sendo que cada um deles refere-se a uma entrevista, e se iniciam com uma fala e um desenho-mapa.

As grades do hospital-prisão impedem que os andarilhos e moradores de rua estejam fisicamente na rua ou na estrada, porém seus pensamentos, como eles mesmos dizem, estão livres e ultrapassam todos os muros e grades que o sistema prisional usa como limite. A pesquisa, portanto, não se move no campo físico dos deslocamentos espaciais, mas no campo das ideias, afloradas pela memória das sensações, das forças que ainda deslocam intensivamente ex-andarilhos e moradores de rua.

Os desenhos-mapas resultantes são tomados como produção de uma cartografia intensiva, daquela que apresenta os processos em seus movimentos.

[São] Mapas de uma ordem distinta dos produzidos pela Cartografia Científica, cujo foco concentra-se na superfície extensiva da Terra. Os mapas intensivos não podem ser deslocados dos processos em que surgiram. [...] os mapas intensivos não são tomados como resultado de procedimentos cartográficos – como técnica de produção de mapas da cartografia científica –, mas como movimento no processo (Preve, 2010, p.18).

Um mapa (os mapa clássicos), como afirma Michel Onfray (2009, p.28), “enuncia a ideia que se tem do mundo, não sua realidade”. As cartografias das moradas de rua, bem como os mapas gerados por seus habitantes, são um modo de mostrar a rua por aqueles que a habitaram, ocupando seus espaços recônditos, estando,

naquele momento, livres de diagnóstico e identificação. Ao buscar apresentar as forças de topografias invisíveis criamos com as falas e com os desenhos-mapas um pouco da atmosfera dessa cidade que não se vê. Está claro que estamos dentro de uma outra abordagem para a cartografia, daquela como movimento no processo.

DESMANCHE DO CONSULTÓRIO MÉDICO

“A prisão é um quadrado.”

João, Entrevista

Alguns degraus nos levam até a entrada de um prédio branco, onde um relógio anuncia que, naquele lugar, o tempo corre de uma maneira diferente. Ao cruzar o portão de grades, entramos no corredor com piso de taco de madeira e paredes verde-claras. As portas de madeira têm uma pequena abertura com grade por onde se pode ver o interior dos cubículos e enfermarias. Por trás do nome Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico se vê um presídio. Na metade do corredor, há uma porta com uma placa que diz “Consultório Médico”, esse é o espaço cedido para as entrevistas. O consultório tem as paredes pintadas de branco e o mesmo piso do corredor, madeira desgastada e corroída pelo tempo. É uma sala pequena com apenas três móveis: uma cadeira para o paciente, uma mesa e uma cadeira maior para o médico.

Ao entrar, nos posicionamos no espaço destinado ao paciente, e sobre a mesa de madeira espalhamos fo-



lhas em branco, giz de cera e gravador. O agente anuncia a entrada do paciente, um ex-andarilho. Pedimos para que ele sente na cadeira destinada ao médico e, em tom de brincadeira, falamos: "hoje você é o médico". Esse modesto ato configurado pelo paciente – sentar-se no lugar destinado ao médico – é também uma intenção da pesquisa: reconfigurar o espaço, mudando as distribuições. O paciente passa a ocupar o lugar mais importante daquela sala e com sua voz preenche o ambiente; com nosso auxílio desmancha um território-consultório onde só se fala de doses de medicamentos e de laudos técnicos, faz fugir o lugar do médico especialista detentor da verdade sobre o outro, da verdade dita entre aquelas paredes.

Nesse movimento de desmanche muita coisa acontece, e eles esboçam suas casas, seus percursos na cidade. Falam como fala um locutor qualificado, qualificados que são pela experiência da rua. O consultório médico transforma-se no espaço de pesquisa, o lugar do médico é esvaziado para ser ocupado por quem, naquele momento, tem algo a dizer.

"EU NÃO CONHEÇO ESTE ENDEREÇO"

"O cara tem que ter sabedoria para andar na rua, se não ele não convive na rua."
(João, Entrevista)

Sua mão treme numa provável resposta ao medicamento. Seu olhar é penetrante e gélido, nos encara em silêncio. Pedro conta que vivia com o irmão e a

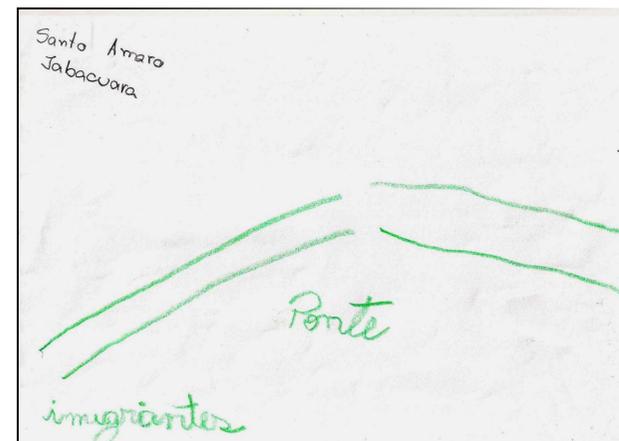


Figura 1: Desenho de Pedro

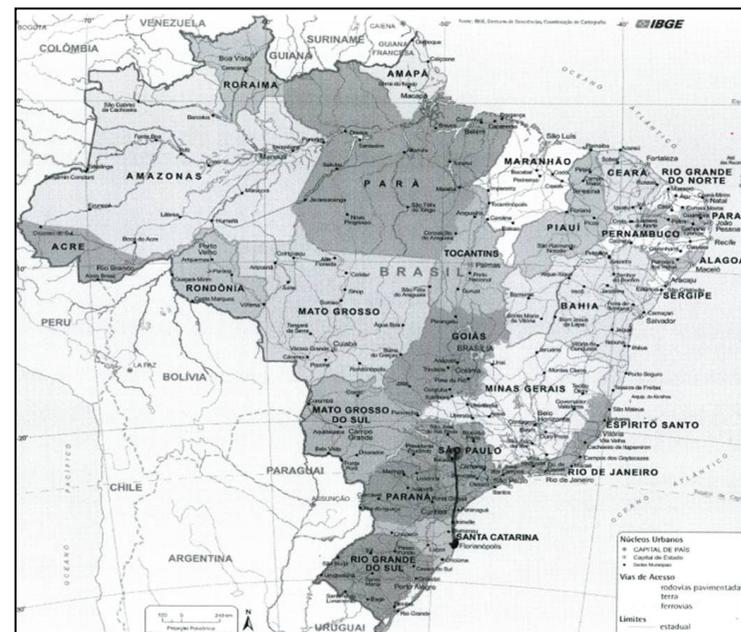


Figura 2: Traçado de Pedro

cunhada embaixo de uma ponte na Avenida Imigrantes, em São Paulo, segundo ele, morou sob a ponte por muito tempo. Ele pedia dinheiro e caminhava pelas redondezas, não costumava ir muito longe. Com um giz de cera verde, Pedro desenha lentamente a ponte que já foi sua morada. Ele deixa um espaço vazio no meio da ponte. É uma ponte que liga nada a lugar nenhum, não se tem como atravessar a *sua* ponte. A sua ponte-casa não é para atravessar, e sim para morar.

Com um mapa do Brasil em mãos, perguntamos se ele pode mostrar onde fica essa ponte no mapa. Ele olha atentamente, passando a ponta dos dedos nas linhas do mapa com movimentos lentos. Pedro pega uma lápis e faz um sinal em cima do estado de São Paulo.

E: "Você sabe onde nós estamos agora, Pedro?" Ele acena a cabeça em gesto negativo e diz:

P: "Eu não sei o endereço."

E: "Estamos no HCTP, em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina."

Volta a analisar o mapa, mais lentamente dessa vez, e diz, referindo-se à última pergunta: "Eu não conheço esse endereço." Localizamos a cidade de Florianópolis no mapa para ele. Pedro faz um traço no mapa ligando as cidades e fica observando. Nada ali parece lhe dizer alguma coisa. Mas a frase "Eu não conheço esse endereço" ecoa nas paredes do consultório quando ele entrega seu último desenho-mapa da rua e se encaminha para fora do consultório. Do antigo e conhecido endereço só lhe restam suas memórias, nada mais. Do atual nada sabe, apenas que está preso.

UM TRECHEIRO

*"Na rua, o que eu aprendi? Eu aprendi a usar droga, aprendi a roubar, aprendi a mentir."
(João, Entrevista)*

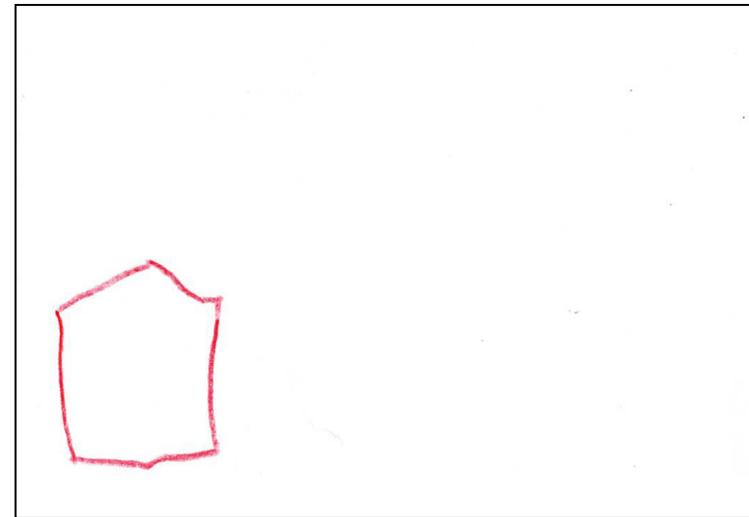


Figura 3: Desenho de André

André é um exemplo de "trecheiro", termo estudado por Felipe Brognoli (1996) em sua etnografia dos nômades urbanos. Em seu estudo, foram os próprios trecheiros e pardais que apresentaram e explicaram essa terminologia para Brognoli. O termo trecheiro é, portanto, aquele que percorre um trecho, que caminha de uma cidade para outra, que não tem uma parada, conhecido comumente por andarilho (Brognoli, 1996). Um pardal, por sua vez, "é usado para referir-se aos moradores de



rua”, pois “como essas aves, nunca se afastam muito de seus ninhos” (Brognoli, 1996, p.53-54).

Trecheiros e pardais estão constantemente em contato com instituições normatizadoras, na maioria das vezes involuntariamente – caso do HCTP. Essas instituições buscam controlar ou suprimir a periculosidade destes sujeitos que rompem com os códigos sociais tidos como normais e aceitáveis e que por isso se tornam uma ameaça para o outro. Ainda segundo Brognoli, essa auto-denominação (trecheiros e pardais) estabelece contrastes, de forma que os indivíduos “possam ressaltar certas características suas que ‘julgam’ importantes e que lhes conferiria, aos olhos dos outros, senão uma legitimidade, pelo menos uma redução no grau de ‘periculosidade’ que estes outros podem lhes atribuir” (Brognoli, 1996, p.51). Faz-se notar que, entre os pacientes entrevistados no HCTP, o termo pardal não foi mencionado, e o termo trecheiro só foi utilizado por um dos pacientes.

O trecho da BR-101 entre as cidades de Itajaí, Balneário Camboriú e Itapema, no litoral norte de Santa Catarina, é bem conhecido por André:

A: “Vivi oito anos no trecho, aí aconteceram umas coisas, né? E vim parar aqui.”

E: “Você falou em trecho, tu sabes o que é um trecheiro?”

A: “É quem está no trecho. Fica caminhando.”

E: “Você é um trecheiro?”

A: “Eu era, né? Quando estava lá fora.”

Ele desenha com giz vermelho o telhado do estacionamento perto da igreja onde normalmente dormia quando estava em Balneário Camboriú.

E: “O que você aprendeu na rua?”

A: “Não aprendi nada na rua, do jeito que eu entrei, saí.”

André conta que acordava cedo e saía para trabalhar catando latinha na rua para vender e que quando cansava de uma cidade ia para outra, entrando e saindo delas.

E: “E o que uma cidade precisa ter pra ti?”

A: “Cidade boa é a que tem comida boa.”

Explica que nem sempre dormia na rua, às vezes ia para alguma casa-abrigo⁷ onde passava a noite e podia tomar banho. Em um mapa de Santa Catarina, ele faz pontinhos nas cidades onde já morou, além das três cidades citadas. Há um ponto em Chapecó (onde nasceu) e em Florianópolis, e conclui: A: “Agora estou preso aqui.”

Os pontos assinalados no mapa catarinense por André assinalam seus trajetos rotineiros. Perambula livremente por eles. Pontos que são antes passagens, pois a força do trecheiro está no trajeto. “A relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado [...]” (Brognoli, 1996, p. 46). Os pontos de parada não importam para o espaço nômade, pois só existem para serem abandonados. O movimento de deslocamento subordina os pontos ao trajeto, que, desse modo, se torna autônomo e ganha direção própria.



O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias (Deleuze; Guattari, 1997, p.42).

Deleuze e Guattari, ao se referirem ao espaço liso e estriado, dizem que “o espaço nômade e o espaço sedentário, – [respectivamente] o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, – não são da mesma natureza” (Deleuze; Guattari, 1997, p.157). A diferença entre o espaço liso e o estriado está no modo como o deslocamento se dá. Ao contrário do trajeto autônomo do espaço liso, no espaço estriado os pontos de fixação atuam como canalizadores que conduzem o deslocamento, o trajeto fica restrito a uma função comunicadora entre os pontos. Os pontos são fixos e não servem para serem abandonados, servem aos começos às chegadas.

É justamente essa movimentação autônoma do nômade que excede a ‘regra social’ do sedentarismo e causa desconforto para a sociedade e o Estado. “O capitalismo pode nascer e, com ele, a prisão. Tudo o que recusa essa nova ordem contradiz o social: O nômade inquieta os poderes, é o incontrolável, o elétron li-

vre impossível de seguir, de fixar, de designar” (Onfray, 2009, p.11). No entanto, essa inquietude é necessária, como assinala Brognoli:

[...] o modo de composição de suas vidas é permeado por esta outra lógica que inverte os usos públicos e privado dos espaços, que se nega a permanecer e busca escapar às capturas institucionais, que faz com que suas relações levem em conta a possibilidade de instauração de hierarquias e mantenham sempre disponíveis instrumentos para evitar que tal estruturação se instale (Brognoli, 1996, p. 46).

Andarilhos e moradores de rua são como um movimento turbilhonar, ocupando, deslocando e habitando esse espaço liso, inventando um espaço liso para si. É sobre esse espaço nômade que os habitantes da rua desconstroem o território numa ação de fuga e desordem, e como resultante se tem a desterritorialização da rua que se reterritorializa nela própria.

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário[...]. Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterri-

⁷Casa-abrigo, também conhecida como albergue temporário, designa os locais que oferecem abrigo temporário para moradores de rua e andarilhos. Nesses albergues é oferecido cama, banho e, em alguns casos, jantar e café da manhã. O tempo máximo de estadia varia em cada abrigo, normalmente é de três a sete dias ou apenas um pernoite.



torializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte. A terra não se desterritorializa em seu movimento global e relativo, mas em lugares precisos [...] (Deleuze; Guattari, 1997, p.44).

Neste ponto, pode-se afirmar que o morador de rua e o andarilho criam a rua, tanto quanto são criados por ela. Inventam para si uma cidade na cidade que "conhecemos". O território por eles habitado é encontrado em um movimento de fuga. A rua deixa de ser rua apenas, se torna uma morada móvel.

"EU NÃO QUERIA IR, MAS AI EU FUI, NÉ?"

"Pra muita gente, quem mora na rua é invisível."
(João, Entrevista)



Figura 4: Desenho de Charles

O refeitório do HCTP é palco dessa conversa. A cor predominante no refeitório é o verde. As paredes são guardadas por alguns cartazes, bancos e mesas alongadas formam duas colunas. Charles é novo, tem seus vinte e poucos anos, dono de uma voz calma e suave. Foi para a rua com nove anos, levado pela mãe: "Eu não queria ir, mas ai eu fui, né?" Ele nasceu em Santos, no litoral de São Paulo, mas já viveu em muitas cidades espalhadas por diversos Estados do país: Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina.

Para ele, "andarilho é gente que anda com um saco, coberta, roupa, panela, cascuda⁸, colher". Ele próprio se considera um andarilho. Charles conta que dormia em igrejas, marquises, casas abandonadas, debaixo de pontes, e, para ir de uma cidade a outra, andava, pedia carona ou pedia passagem de ônibus nos serviços de assistência social das cidades.

C: "Eles têm dó de mim. Eu sinto que eles têm raiva de mim. Eles querem me judiar. Eu acho que para a sociedade, pros outros eu sou um lixo."

E: "Mas você acha que é isso mesmo? Agora o Charles falando, o Charles se acha um lixo?" Num primeiro momento, ele concorda, mas depois responde:

C: "Eu não me acho um lixo, eu me acho uma pessoa boa."

Esse diálogo evidencia o tratamento dirigido aos andarilhos e moradores de rua pela sociedade de modo geral. Brognoli identifica uma curiosa contradição nessa relação:

⁸Segundo Charles, cascuda é uma vasilha usada para pedir comida.



Tomadas em seu conjunto, as relações da 'sociedade abrange' com os andarilhos estão marcadas por esta acentuada ambiguidade. Se por um lado há concordância maior das pessoas quanto a certo dever em auxiliar os 'desfavorecidos', por outro há o medo de que estes tomem uma proximidade indevida, o que pode significar contaminação, tanto em seu aspecto simbólico, quanto no real das doenças transmissíveis pela aparência de sujeira que carregam; roubo, ou alguma forma de violência, como se, desvinculados de um grupo de referência e não subordinados à autoridade alguma ou código moral, estes sujeitos se permitissem uma entrega irrefreada aos 'instintos' (Brognoli, 1996, p.84).

A rua marca os corpos. O corpo de Charles é cheio delas. Ele aponta as cicatrizes que ganhou na rua: uma no pé, uma na barriga, outra na perna e mais outras. Charles conta como ganhou a cicatriz da barriga remontando os diálogos. Na verdade, ele não lembra exatamente como aconteceu, recorda apenas que foi em Jaraguá do Sul, ao norte do estado catarinense, num dia em que ele fumou muitas pedras de crack e dormiu. Quando acordou já tinha o corte.

Na folha em branco, desenha uma casa – a casa dos seus sonhos. Charles quer uma casa perto do gelo, porque gosta do frio. A casa fica na Antártica. Ele diz que quem vai morar com ele são alguns amigos que estão fora do HCTP, "estão na rua ou já morreram". A casa perto do gelo é a fuga de Charles. Ao traçar aquelas linhas ele não está ali, preso no Hospital, ele está lá fora, na Antártica, na sua casa no gelo. "Ficou bonito, né?" – ele pergunta, sorrindo, ao entregar seu mapa, que não mostra especificamente a rua, e sim a vontade de estar livre.

"NA PONTE, EMBAIXO DA PONTE"

"A cidade é um meio de vida [...] eu usava a cidade para ganhar a vida."
(João, Entrevista)

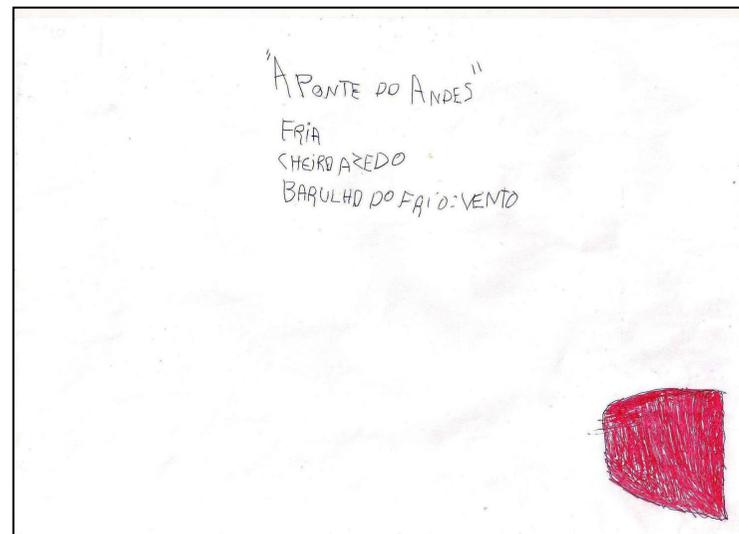


Figura 5: Desenho de Andes

De volta ao consultório médico. Dessa vez quem está na cadeira do médico é Andes, que gosta de ser chamado assim por causa das montanhas, da Cordilheira dos Andes. A conversa começa com a pergunta:

- E: "Tu foste mesmo morador de rua?"
A: "Fui Ana! Falei pra ti!"
E: "E tu morava onde, lá em Criciúma?"
A: "Na ponte, embaixo da ponte."

Toda a conversa gira entorno da ponte. No papel, ele faz os traços da "Ponte do Andes" e pinta com caneta vermelha. Os traços são fortes.

E: "Por que vermelho?"

A: "É a cor do meu sangue."

E: "E o que a ponte é pra você?"

A: "Liberdade."

Ele conta como era o seu dia-a-dia na ponte: quando acordava, ia andar, mas suas caminhadas cobriam curtas distâncias, eram caminhos para buscar droga e conseguir comida. Depois ele voltava para a ponte, para a casa.

A: "É uma vida sofrida. Mesmo ela sendo ruim, eu voltaria."

E: "E se nesse momento você estivesse lá na rua, onde estaria?" A resposta de Andes foi rápida, seca, precisa:

A: "Na ponte."

"MAS COMO VOCÊ NÃO CONHECE?"

"A rua pra mim foi uma escola, me ensinou as coisas boas e as coisas ruins."
(João, Entrevista)

A conversa com Bruno se dá na pequena sala do consultório. Contudo, sua fala nos faz viajar, sem sairmos do lugar, para a cidade de Joinville, no norte do estado de Santa Catarina. Bruno viveu muito tempo nas ruas dessa cidade. Carolina, uma das pesquisadoras, morou em Joinville por alguns anos, contudo, a forma

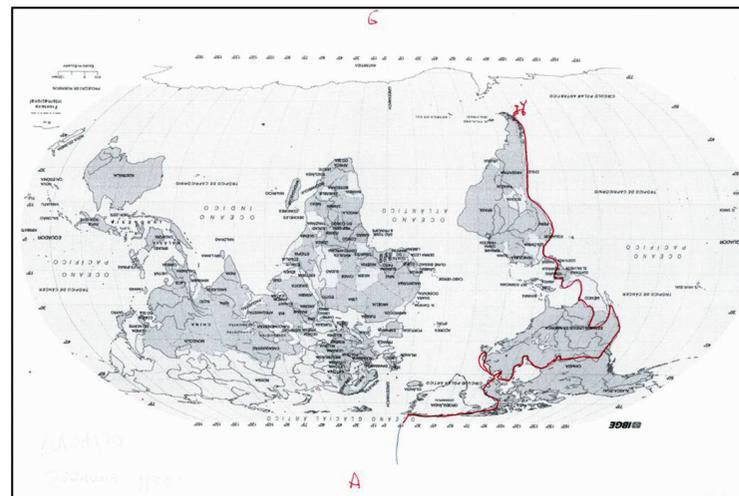


Figura 6: Traçado de Bruno

como cada um habitou a cidade foi distinta, e cada um teve uma casa à sua maneira. Durante a infância de Bruno, casa era sinônimo de espancamento diário. Ele, por necessidade, cavou sua toca e foi para rua, aí sim sua casa. Aqui uma casa transcende ao sentido habitualmente consolidado de um lugar fechado por quatro paredes.

Nesse encontro, pedimos que contasse como era seu cotidiano na cidade. Enquanto nos contava, Carolina fazia um desenho-mapa do caminho percorrido por Bruno. Ele contou que morava em uma casa abandonada na Rua das Palmeiras, no centro da cidade, com outros moradores de rua. De manhã, Bruno saía da casa, passava pela Praça Nereu Ramos e seguia até o Bar São Paulo. Neste ponto, a fala de Bruno foi interrompida por

Carolina: "Onde fica o bar São Paulo?" E ele foi enfático em sua resposta. "Mas como você não conhece, você não é moradora de Joinville?! Fica ali na frente do Terminal!".

Bruno ficou indignado com a falta de conhecimento da pesquisadora sobre a cidade onde ambos moraram. Carolina passou inúmeras vezes na frente do dito bar, que fica bem em frente do Terminal de Ônibus Urbano Central, sem nunca ver essa fração da cidade. Não há apenas uma cidade, mas sim diversas cidades, algumas a gente não vê, sobretudo aquelas que escapam ao nosso campo de visão, que estão nas margens, nas periferias.

A Joinville de Bruno é formada por pontos alternantes que levam a trajetos que se deslocam no espaço nômade. A Joinville vivida por Carolina é formada por outros pontos que levam a outros trajetos, mais pontuais e já sabidos. Cada linha leva a uma percepção distinta e, por isso, a cidade se multiplica em várias cidades. "Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir, a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos" (Calvino, 1990, p.14). O bar desconhecido nos revelou outra Joinville, uma nova cidade, uma entre tantas que existem simultaneamente ocupando o mesmo espaço.

Cada indivíduo tem uma maneira particular de interagir no espaço que habita, e são essas interações particulares que permitem que cada indivíduo vivencie uma cidade diferente. O olhar daqueles que já tiveram a rua como morada proporciona uma percepção distinta

da cidade. As pontes deixam de servir como lugar de passagem para se tornarem casas, um rio se torna um refúgio para o banho, os lugares policiados são lugares que se deve evitar, um posto de gasolina é um bom lugar para um pernoite. A cidade ocupa outras perspectivas, transformando-se conforme as percepções e os interesses de quem a percorre. Como dissemos no começo, o que estes habitantes sabem e o que eles não se distingue do território que recortam, das casas que fazem, das marcas expressivas que são sua assinatura no mundo e que inventam desafiando o possível para viver, mover-se, combater.

EIS AQUI APENAS UM COMEÇO E ESTÁ TUDO EM ABERTO

"E: Tu achas que viver na rua é bom ou é ruim?"

J: Pra mim que estou acostumado é bom.

E: E é melhor que aqui, no HCTP, ou pior?"

J: Bem melhor. É bem melhor. A gente se alimenta bem, só não pode usar droga. Se usar droga é pior do que aqui, mas se não usar droga é melhor do que aqui. Isso que eu estou falando é verdade, é realidade. Se usar droga dá cadeia".

(João, Entrevista)

Iniciamos o percurso da pesquisa pelo lugar onde muitos moradores de rua e andarilhos vão parar: um presídio ou um hospital de custódia. Nesse lugar-prisão tudo começa novamente. O Estado cria mecanismos para capturar as forças intempestivas desses homens que experimentam, sem cessar, o correr perigo. Mas, nos moldes de uma sociedade policialesca



como a nossa, onde tudo que é estranho ameaça o 'cidadão normal', indivíduos considerados perigosos devem ser retirados do convívio social. As forças do discurso do bem e do mal não são ingênuas, produzem efeitos concretos, "são discursos que matam" (Batista, 2004, p. 159). Matam (no sentido de 'fazer viver, deixar morrer', como apontou Foucault, [1999]) nas prisões e nos manicômios judiciais controlando as forças animais e imprimindo nestes homens docilidades de instituição ou, ainda, matam (literalmente) – basta um passeio pelo Google para ver a matança de moradores de rua e andarilhos praticadas a céu aberto.

Esse primeiro contato com o universo da pesquisa possibilitou observar a cidade sob outra perspectiva, enxergando seus outros pontos e foi essencial para preparar o segundo movimento da pesquisa, em que iremos percorrer efetivamente as ruas e cruzá-las com nossas linhas, estas que mencionamos até aqui e que estão em aberto. São as primeiras linhas para compor uma geografia outra, uma geografia da rua, composta por mosaicos de traços inquietos que nos incitam e incomodam porque sabemos que eles dizem muito de uma cidade e dos espaços do mundo contemporâneo. As palavras de nossos entrevistados têm força para fazer fugir uma noção de cidade, uma noção de morar, uma noção de indivíduo perigoso... A fuga, nesse sentido, como coloca Tótora, "não é se recusar à ação e tampouco se evadir da realidade, mas um ato de criação – um experimento invenção. Criar é começar algo novo, um deslocamento em direção aos fluxos mutáveis" (Tótora, 2004, p.242).

Muitas vidas passam longe dos mapas consolidados pelas forças do Estado e pelo poder de uma cidade de dizer sobre si apenas o que interessa às suas estratégias político-turísticas, e com elas passam longe também as cidades que ocupam e as forças que elas movimentam, bem como todas as mortes daí decorrentes.

Alcança-las é a tarefa de um cartógrafo singular, um cartógrafo que se define por sua sensibilidade para entender alguma coisa (Rolnik, 2007). Nesse sentido, cartografar "não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão." (Rolnik, 2007, p. 66). Ao cartógrafo cabe, neste caso, criar uma língua a expressar os afetos que pedem passagem, e para tanto se exige dele que mergulhe nas intensidades do seu tempo, nas composições dos novos lugares ocupados.

Diante das forças das linhas dos mapas oficiais, que prolongam as linhas cartesianas do pensamento, o contato com essas linhas de constituição frágil pode produzir em nós um pouco de ficção – a ficção vitalmente necessária de que a realidade do aprender escolar carece –, para fazer aflorar os quinhões de virtual, o outro que todo espaço comporta.

Cabe lembrar que neste trabalho o movimento de traçar linhas também se deu sobre os mapas clássicos. Desde então, as linhas cartesianas de tais mapas continuam experimentando um devir-louco (como



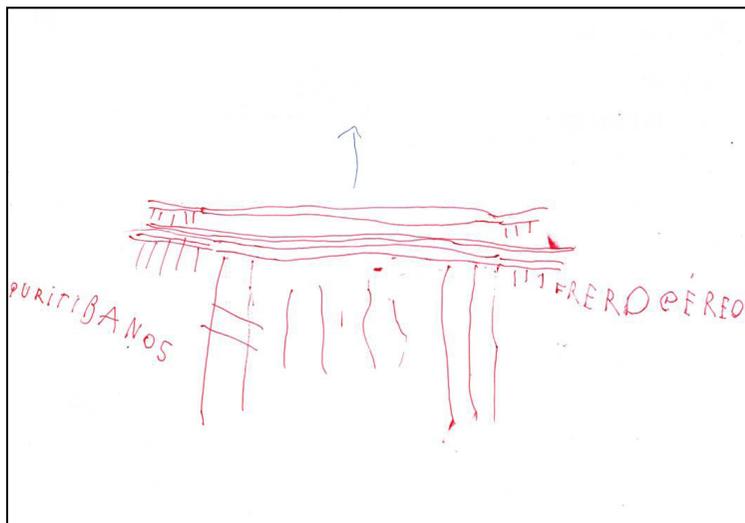


Figura 7 – Desenho de César

aquilo que toda linha cartesiana comporta) dissolvendo o que até então era familiar – em nós, na cidade, na Geografia, e também na Educação.

É preciso prosseguir, caminhar um pouco mais, e nos perguntarmos o que acontece quando olhamos a cidade, a Geografia e a Educação desde a tensão entre as práticas/estilos do andarilho/nômade e as coações de que é alvo. Pois é aí, na tensão do embate, que se põe a mostra um modelo de habitar, forçando-nos a aprender, quem sabe, uma mudança de limiar em que a própria Geografia, a cidade e a Educação se perguntam – desde a ressingularização que tais práticas/estilos de habitar comportam –, se o que dizem e fazem funciona ou não, em outras palavras, “se ganha vida ou permanece morto” (Guattari, 1992, p.178).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Vera Malaguti (2004). **História sem fim**. In Passetti, Edson. Curso Livre de Abolicionismo Penal. Rio de Janeiro, Revan, p. 153-159.

BROGNOLI, Felipe F. **Trecheiros e Pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. 1996. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FERRAZ, Sílvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** - um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. [Trad. Maria Ermantina Galvão] São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GODOY, Ana. Mídia, Imagens, Espaço: notas sobre uma poética e uma política como dramatização geográfica. In: CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA JR., Wenceslao (orgs.). **Grafias do espaço**: imagens na educação geográfica contemporânea. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 209-222.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ORLANDI, Luís B. L. Morada do Ente. In: LINS, Daniel; PELBART, Peter P. (Org.). Nietzsche e Deleuze - Bárbaros e Civilizados. São Paulo: Annablume, 2004. p. 119-129.

PREVE, Ana Maria H. **Mapas, Prisões e Fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. 267f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PREVE, Ana Maria H. Uma educação em linhas de fuga. In: Amorim, Antonio C., Marques, Davina, Dias, Susana O. (orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulações e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011. p. 75-87.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2007.



8ª BIENAL DO MERCOSUL: ensaios de geopoética. Catálogo. Coordenação Alexandre Dias Ramos; curador José Roca; colaboração Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

TÓTORA, Silvana. Devires minoritários: um incômodo. **Verve**, São Paulo, n. 6, p. 229-246, out. 2004.

Entrevistas

ANDES. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadores: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

ANDRÉ. Depoimento [Maio, 2012]. Entrevistador: Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

BRUNO. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadores: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

CHARLES. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadores: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

JOÃO. Depoimento [Abril, 2012]. Entrevistadores: Ana Maria H. Preve, Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: Complexo Penitenciário, 2012. Áudio digital.

PEDRO. Depoimento [Maio, 2012]. Entrevistador: Carolina D. Schulze. Florianópolis, SC: HCTP, 2012. Áudio digital.

Filmografia

BOAS, Thiago V. **Casa de cachorro** – um documentário com os moradores do viaduto da Ceagesp [Filme-documentário] Direção e pesquisa: Thiago Villas Boas. Produção: Maria Farkas. Brasil, ECA-USP, 2001. 28min. Color.

GUIMARÃES, Cao. **Andarilho** [Filme-documentário] Direção: Cao Guimarães. Brasil, 2007. 80min. Color

